

Os retratos de Dorian G(r)ay – corpo, imagem e subjetividade em um site de relacionamentos

Los retratos de Dorian G(r)ay – cuerpo, imagen y subjectividad en un sitio de redes sociales

The pictures of Dorian G(r)ay – body, image and subjectivity on a social network site

Luiz Felipe Zago¹

Luís Henrique Sacchi dos Santos²

Resumo O artigo empreende análises de textos e fotografias publicados em perfis on-line de um site de relacionamentos para o público de homens gays, bem como utiliza entrevistas realizadas com usuários do site. Foca nas relações entre corpo, imagem e produção de subjetividade no tempo presente, empregando aportes teóricos do pós-estruturalismo. Considera a ligação entre imagem e corpo como legitimação da “verdade” dos corpos, coagidos pelo espectro da velhice e pela exortação à visibilidade.

Palavras-chave: Corpo; Imagem; Redes sociais; Subjetividade

Resumen El artículo aborda el análisis de textos y fotografías publicados en los perfiles on-line de una red social para la audiencia de hombres gays, y utiliza entrevistas con los usuarios del sitio. Se centra en la relación de la imagen, el cuerpo y la producción de la subjetividad en la actualidad. Emplea las contribuciones teóricas de el postestructuralismo. Considera el enlace de la imagen corporal como la legitimidad de la “verdad” de los cuerpos, amenazados por el espectro de la vejez y la exhortación a la visibilidad.

Palabras-clave: Cuerpo; Imagen; Redes sociales; Subjetividad

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFRGS na linha de pesquisa em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero. Professor adjunto do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, Canoas, RS, Brasil. E-mail: luizfelipezago@gmail.com.

² Doutor em Educação pela UFRGS. Professor no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU), na linha de pesquisa “Estudos Culturais em Educação” pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: luishss2009@gmail.com.

Abstract *The article undertakes analysis of texts and photographs published on on-line profiles of a social network for gay men on the internet. It also uses interviews made with users of the website. It focuses on the relations among body, image and production of subjectivity in the present days by employing the theoretical framework of post-structuralism. It considers the link between body and image as the legitimation of bodily “truth”, in which bodies are coerced by visibility and the spectrum of aging.*

Keywords: *Body; Image; Social networks; Subjectivity*

Data de submissão: 15/8/2014

Data de aceite: 7/11/2014

Introdução – ou “Como é triste!”

No romance de Oscar Wilde (2012, p. 35), que empresta o título em corruptela para este artigo, o personagem principal faz as seguintes afirmações, ao fitar o seu próprio retrato:

“Como é triste!”, murmurou Dorian Gray, com os olhos ainda fixos no próprio retrato. “Como é triste! Eu vou ficar velho, horrendo e medonho. Ele jamais envelhecerá além deste dia de junho... Se fosse diferente! Se eu pudesse ser sempre jovem, e o retrato envelhecesse!... Por isso, por esse milagre, eu daria tudo! Sim, não há no mundo o que eu não estivesse pronto para dar em troca. Daria minha alma por isso!”

Retomemos alguns traços biográficos de Wilde. Ele foi condenado à prisão por ser homossexual (mantinha uma relação escandalosa com lorde Alfred Douglas, cujo pai processou o escritor por “atos de flagrante indecência”). É considerado um ícone do dandismo pelo modo excêntrico com que se vestia, falava e se comportava na sociedade inglesa do final do século XIX. Morreu na completa miséria (sem a companhia do seu amado lorde) e em decadência física (efeitos da meningite e de outras infecções que o acometeram) aos 46 anos, na cidade de Paris, em 1900.

Paula Sibilía (2012) já abordou proficuamente o fenômeno da “moral da pele lisa” no bojo de uma política de censura da velhice em imagens de corpos nos meios de comunicação. A autora inclusive usou também um trecho do mesmo romance de Wilde para introduzir a discussão sobre o horror ao processo de envelhecimento em uma de suas produções (SIBILIA, 2012). Não obstante as semelhanças entre este texto e as discussões empreendidas por Sibilía, busca-se aqui articular análises sobre corpo, imagem e produção de subjetividades ao focar nos sentidos atribuídos por homens *gays* usuários de um *site* de relacionamentos³ aos modos de exposição dos seus corpos *on-line*. A análise foi feita com parte dos dados produzidos por meio de etnografia virtual realizada no *site* mencionado entre março de 2009 e fevereiro de 2012, período em

³ O site é o Manhunt. Disponível em: <<http://www.manhunt.net/>>.

que foram arquivados e classificados 304 perfis de diferentes usuários, contendo imagens e descrições textuais dos seus corpos. Também foram feitas quatro entrevistas presenciais (sem a mediação da internet) com diferentes usuários, que aceitaram responder a um roteiro de perguntas semiestruturadas na forma de uma conversa sobre corpo, gênero, sexualidade e internet. Foram preconizadas, portanto, as marcas de masculinidade e de sexualidade como constituidoras de experiências singulares para a sociabilidade em uma rede social/sexual da internet. Ademais, tomou-se a internet como parte de um dispositivo atuante na produção de subjetividades, no qual os corpos representados em imagens parecem estar aprisionados em uma presentificação constante e ser assombrados pelo espectro da finitude – da velhice.

Considera-se precioso que o autor de uma obra que trata precisamente da moral das aparências, escrita há mais de cem anos, tenha tido um fim que hoje apavora muitos homens homoeroticamente inclinados: do crepúsculo do corpo, do esvaír da juventude, da perda do viço; um fim solitário. Tanto o que aconteceu com Wilde na vida real quanto o que aconteceu com Dorian na ficção podem bem se repetir hoje, na segunda década do século XXI, amiúde e cotidianamente, com os “Dorian Gays” do nosso tempo. Assim, cita-se aquela polêmica passagem do romance *O retrato de Dorian Gray*, na qual o personagem estabelece correlações entre corpo, imagem e subjetividade, e lança-se a questão: em que contexto ganha fôlego a atualização (continuidade) e/ou deslocamento (descontinuidade) do desejo de Dorian Gray entre homens *gays* brasileiros, usuários de um *site* de relacionamentos hoje?

“[...] com os olhos ainda fixos no próprio retrato.”

O *site* de relacionamentos Manhunt foi criado nos Estados Unidos e existe desde 2001. Atualmente, existem versões em nove línguas diferentes e é disponibilizado em quatro continentes. O objetivo principal do *site* é oferecer um conjunto de possibilidades técnicas por meio da internet, para que homens *gays* usuários do *site* possam interagir e criar redes sociais/sexuais. Nessa direção, o Manhunt figura como um meio

para o *être-ensemble* (estar-junto), de acordo com o que propõe Michel Maffesoli (2005), ou como uma rede de desejos, de acordo com Richard Miskolci (2013). É importante assinalar que o Manhunt caracteriza-se por ser uma *rede social/sexual*, tal como expressa o subtítulo da sua página principal: “Qualquer homem. Em qualquer momento. Em qualquer lugar.” É, assim, diferente de outras redes sociais, como o Facebook ou o Twitter (RECUERO, 2009): o Manhunt propõe oferecer meios de vínculo e de sociabilidade entre homens *gays* para a consecução de encontros sexuais e afetivos.

Uma vez cadastrado no *site*, o usuário cria um perfil *on-line*, no qual pode usar recursos textuais para descrever a si próprio e aqueles que procura conhecer. Há espaço para a publicação de medidas corporais, como altura e peso, e outras características físicas, como cor do cabelo e dos olhos, idade, tamanho do pênis, cor da pele. Mais importante: o *site* permite a publicação de álbuns com até 12 imagens, nas quais supostamente os corpos descritos nos textos são materializados em fotografias. A centralidade no corpo por meio de textos e de imagens reforça o objetivo central do *site*, recém-mencionado: promover encontros entre homens que buscam parceiros sexuais.

Os corpos dos usuários são *presentificados* (SÁ e POLIVANOV, 2012) em fotografias e textos nos perfis *on-line* do Manhunt. Corpos representados em fotografias e textos pouco têm de imateriais; eles ganham materialidade precisamente por meio da ligação estreita entre carne e imagem, pois é através da imagem sempre atualizada, presentificada, que os corpos ganham visibilidade, sentido e valor no contexto do Manhunt e na dinâmica própria de sua sociabilidade. A *presentificação* do corpo, por meio de imagens e palavras, é sempre produzida na relação com os demais usuários, supondo aí que a exibição seja feita para um outro (SÁ e POLIVANOV, 2012). André Parente (1993, p. 30) sugere: “A imagem não reproduz o real. [...]. Se a imagem reproduz o real, ela o faz literalmente, ela o produz uma segunda vez”. Esse é um modo de pensar a imagem “como puro sensível e ser de sensação que afirma o real como novo” (PARENTE, 1993). Trata-se, assim, de entender os modos pelos quais os corpos chegaram a ser materializados em fotografias e textos em *pixels*,

através de máquinas e tecnologias, “porque elas são o correlato de expressões sociais capazes de lhes fazer nascer e delas se servir como órgãos da realidade nascente” (PARENTE, 1993, p. 15). Os *corpos-pixel* dos usuários do Manhunt são a expressão mais corriqueira e concreta do nosso real político: eles são efeito das relações de força que hoje constituem e instituem a sociedade na qual vivemos.

Esta é uma abordagem possível acerca das possibilidades da internet para a sociabilidade: aquela que supõe que “as máquinas são sociais antes de serem técnicas”; o que significa dizer que “há uma tecnologia humana antes de haver uma tecnologia material” (DELEUZE, 2005, p. 49), ou seja, para cada período histórico existem tecnologias – máquinas, aparatos técnicos – que são produtos de uma organização histórica, política e cultural específica e das relações de poder que aí se exercem. Não são os aparatos técnicos que determinam quem e como somos; existem, sim, máquinas que se articulam com os contextos históricos e políticos de uma dada cultura tanto para responder às urgências aí colocadas quanto para oportunizar novos modos de produção de subjetividade (GUATTARI, 1993; LÉVY, 2005). “É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina”, pois cada sociedade estabelece um determinado regime de poder do qual as máquinas fazem parte, “não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las” (DELEUZE, 1992, p. 223).

Nesse sentido, pensar a internet enquanto meio através do qual são estabelecidas relações entre os indivíduos significa analisá-la em seu aspecto eminentemente político (WOLTON, 2004). É nesse sentido que se propõe, junto com Félix Guattari (1993), André Parente (2004) e Paula Sibilía (2002), que a rede mundial de computadores e as tecnologias que a constituem caracterizam um dispositivo tecnológico: máquina de produção incessante de subjetividades. Dispositivo refere-se a um complexo não homogêneo “que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais” (FOUCAULT, 1984, p. 244), que decididamente não se restringe apenas aos discursos (o dispositivo não se restringe apenas às palavras, àquilo que é dito, ao

enunciável), mas também se refere ao conjunto de condições que possibilitam que algo ou alguém possa aparecer e se fazer ver (o dispositivo se refere às coisas, às vidas das pessoas, aos corpos, àquilo que é visível). Dispositivo é “um tipo de formação histórica que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1984): produz subjetividades, com a mesma força com que produz discursos, silêncios, arquiteturas, tecnologias, instituições, programas, políticas, corpos, opiniões, verdades, visibilidades e dizibilidades. O dispositivo produz vida e modos de viver a vida (DELEUZE, 2007).

Percebe-se que, nesta concepção, o dispositivo não é apenas algo que se refere a um objeto ou a um sujeito, mas que, sobretudo, forma e produz os objetos e os sujeitos aos quais se refere. É no interior e a partir da atuação de um dispositivo que se produzem modos de ser e estar no mundo – em outras palavras, os dispositivos constituem e instituem o mundo no qual vivemos, dentro do qual experimentamos nossa existência hoje. Para pensar a internet, os modos como os indivíduos a usam e as formas com que a sociedade a significa, é produtivo tomá-la considerando que está implicada na instituição de uma “rede de comunicação biopolítica” (PARENTE, 2004, p. 92), na qual os usos e abusos feitos pelos indivíduos das possibilidades técnicas da rede mundial de computadores expressam os modos através dos quais somos levados a ser o que somos.

Daí que se chama de dispositivo tecnológico essa rede de discursos que vem ganhando densidade em torno das tecnologias digitais e sobre elas, com seus números, porcentagens, estatísticas, previsões, contagens e gráficos (BARBOSA, 2013). E não só isso: também compõem as linhas do dispositivo tecnológico as máquinas e seus aparatos físicos (computadores, *notebooks*, *desktops*, modems, fios, cabos, antenas, telas, monitores, lâmpadas, lasers, CDs, DVDs, conectores etc.), além de todo o conjunto industrial que produz esses materiais físicos. Também fazem parte do dispositivo tecnológico as proposições legais, os tratados comerciais, as produções teóricas e filosóficas sobre a rede mundial de computadores. E o mais importante: as pessoas que exercem profissionalmente funções de criação, implementação e manutenção

de tecnologias digitais, bem como nós, os usuários das possibilidades trazidas por essas tecnologias e pesquisadores na/da internet, somos a linha mais viva e atuante do dispositivo. Constituímos, enfim, toda a força vital e produtiva e compomos o dispositivo tecnológico. Nessa perspectiva, não cabe demonizar a internet e o conjunto de possibilidades técnicas por ela introduzido no nosso cotidiano, rotulando-a de instância manipuladora; tampouco cabe glamorizar e festejar as tecnologias digitais como inéditas (*in-é-ditas*, isto é, *como algo que não foi dito antes*), inaugurais e absolutamente novas, classificando-as de revolucionárias. Ao pensar a rede mundial de computadores como um dispositivo produtor de subjetividades, sugere-se escapar do binômio pessimismo/ingenuidade para encampar disputas acerca dos modos como as possibilidades da internet podem instaurar novas lutas, novos combates, novas relações de força na sociedade (NEGRI, 1993).

“Daria minha alma por isso!”

Segundo Michel Foucault (2006a), se houve um tempo, sobretudo em algum momento entre os séculos XVIII e XX, em que o regime disciplinar caracterizava as sociedades ocidentais e o regime de vigilância se expressava por meio da figura do pan-óptico, pode-se dizer que contemporaneamente se está experimentando (vivendo, produzindo, fazendo operar) um contexto diverso (FOUCAULT, 1984; DELEUZE, 1992). Pode ser que não se esteja mais sujeito a uma relação de controle-repressão do corpo, posto que não seja mais suficiente que o corpo seja apenas dócil – “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2006a, p. 118), ainda que a docilidade do corpo seja uma condição para o seu controle. Pode-se sugerir que agora subsista uma relação com o corpo (através do corpo) muito mais insidiosa e contínua, menos negativa do que a repressão, pois não proíbe diretamente, e mais produtiva, pois incita e exorta continuamente: o “controle-estimulação” (FOUCAULT, 1984, p. 147; DELEUZE, 1992), os “corpos turbinados” (SANT’ANNA, 2001; 2005), o “show do eu” reiteradamente exteriorizado por meio de texto e de imagem (SIBILIA, 2009), dos

corpos de carne esculpida pela atividade física, sempre prontos para se exibirem (SOARES, 2009).

Na sociedade pós-disciplinar, o controle-estímulo das condutas, dos corpos, e a produção capitalística de subjetividades, conforme referem Félix Guattari e Suely Rolnik (2010), rearranjam os modos como os indivíduos vivem suas vidas e reconhecem a si próprios como sujeitos. Estar permanentemente *on-line* é uma das maneiras de ser mais bem controlado no contexto do controle-estímulo. Mostrar o corpo não é mais um escândalo, mas uma demanda incessante dos mecanismos de controle-estimulação (FOUCAULT, 1984; SIBILIA, 2002). Há várias formas de operação do controle-estimulação, e a que se privilegia aqui é a exortação da visibilidade como forma de vigilância: “um ‘sobre-cuidado’ com a própria reputação e com a capitalização social da própria imagem nas ações coletivas” e na sociabilidade (ANTOUN, 2010, p. 150). Mostrar-se é entregar-se ao controle de bom grado.

É por essa razão que, se quisermos tomar a internet como o “pan-óptico do tempo presente”, será preciso uma reformulação do modelo poucos-que-veem-muitos, preconizado pelo pan-optismo de Jeremy Bentham: poucos vigias habitando a torre central do pan-óptico e fazendo funcionar um poder de vigilância e controle sobre muitos outros indivíduos encerrados no anel periférico (FOUCAULT, 2006a). Ao que tudo indica, parece que agora se conserva o princípio disciplinar da visibilidade como armadilha, mas devemos radicalizar o pan-optismo: não mais poucos-que-veem-muitos, mas agora muitos-que-podem-ver-muitos, ou muitos-que-se-exibem-para-muitos – isso, pelo menos, em uma primeira abordagem acerca dos modos como os corpos são expostos dentro do Manhunt.

Uma das entrevistas presenciais foi realizada simultaneamente com dois usuários do *site* de relacionamento Manhunt, Xato e Donald.⁴ Xato tinha 31 anos e Donald, 34. O primeiro era advogado; o segundo, cientista da informação. Ambos eram funcionários públicos e moravam no

⁴ Os nomes de todos os entrevistados foram alterados.

bairro de Copacabana. Na entrevista, falaram sobre o momento de suas vidas em que passaram a utilizar a internet como ferramenta de sociabilidade. Ambos citaram o Internet Related Chat – mIRC, programa de bate-papo *on-line* que marcou o início da internet comercial no Brasil (LEMONS, 2004; RECUERO, 2009). Para eles, o mIRC funcionava como ferramenta para conhecerem outros homens *gays* na cidade do Rio de Janeiro, no final da década de 1990. Naquele período, os corpos não eram exatamente os *corpos-pixels* de hoje, e a exposição da carne na internet se dava de um modo diferenciado.

Xato: Não tinha vídeo, né?

Donald: Não tinha nada. Só foto escaneada.

Pesquisador: Mas era raro, porque *scanner* era muito caro, e as conexões não eram de banda larga ainda...

Donald: Eu escaneei minha foto na faculdade, eu fazia informática.

Pesquisador: Ah, claro. E na faculdade tinha...

Donald: Tinha *scanner*, e eu escaneei lá minha foto.

Xato: Eu escaneei minha foto no trabalho [gargalhadas]. Uma só também. Tinha esse negócio de mandar, mas eu não mandava muito, não.

Pesquisador: Não era uma foto pelado?

Xato: Não, claro que não. Como você revela isso?

Donald: É, como tu revela. E essas tecnologias digitais de hoje, com teu próprio celular tu tira a foto, e tem um cabinho que baixa direto no teu computador a foto e ninguém fica sabendo.

Xato: Um cabinho, não! *Bluetooth*, já baixa direto!⁵

É importante ressaltar que, na maioria das vezes, as fotografias publicadas nos perfis do Manhunt são registradas graças aos aparelhos celulares contemporâneos, que são simultaneamente câmeras digitais. A suposta facilidade e popularização de aparelhos capazes de fazer registros de imagens são algumas das condições de possibilidade desses tipos de imagem que se encontram nos perfis *on-line* do Manhunt. É preciso também sublinhar que as câmeras digitais trazem outro diferencial técnico: ao contrário de outrora, quando era necessário levar o filme

⁵ Trecho de entrevista realizada no dia 22 de maio de 2010.

fotográfico a uma loja especializada para sua “revelação” e, então, ter a fotografia impressa em um papel especial, hoje as imagens são produzidas, publicadas e manipuladas digital e virtualmente. Isso significa que, por exemplo, os usuários do Manhunt produzem imagens de seus próprios corpos com aparelhos celulares ou câmeras digitais, transferem essas imagens para seus computadores ou *notebooks* e as publicam nesse *site* de relacionamento quase que instantânea e anonimamente. As imagens dos corpos nus não precisam ser tratadas quimicamente em lojas especializadas na “revelação” de filmes fotográficos, como acontecia no passado. As possibilidades técnicas dos aparelhos de produção e visualização de imagens estão, por isso, ligadas de maneira estreita às formas como se dão a exposição e exibição dos corpos no Manhunt. Conforme sugere Ives Michaud (2008, p. 546):

Esses aparelhos permitem que se vejam novos aspectos do corpo. São poderosos: difundem imagens até aqui raras (imagens médicas, pornográficas, criminosas, esportivas). Tornam-se novas extensões, próteses ou órgãos do corpo, inclusive no sentido do corpo social: o aparelho fotográfico, a câmera de vídeo, inicialmente reservados ao repórter ou ao cineasta, passam às mãos do turista e, enfim, às mãos de todo mundo. São olhos a mais para verem e se verem. No fim do século XX, o anel se fechará: o que se vê e o visto estão constantemente em espelho e não há quase nada que aconteça que não tenha logo a sua imagem. [...] Enfim, os aparelhos de visão se tornaram onipresentes e invasivos e não deixam mais nada “fora da vista”. *Nada mais é escondido.* [grifo dos autores]

Nada mais é escondido *supostamente*. Desde a perspectiva adotada aqui, é verificável que há a exortação à exibição, sobretudo em redes sociais/sexuais. Entretanto, é possível que essa economia visual também guarde suas zonas de invisibilidade, conforme será mostrado mais adiante. A alma que Dorian Gray daria para habitar o quadro no qual é retratado jovem não existe nas sociedades pós-disciplinares, nas quais opera o pan-óptico regulador do controle-estimulação; aí existe apenas a superfície corpórea coagida a se exibir constantemente.

“Se eu pudesse ser sempre jovem e meu retrato envelhecesse!”

O trecho abaixo, parte de uma entrevista presencial feita com um usuário do Manhunt,⁶ mostra a relevância da publicação de imagens sempre atuais dos corpos dos usuários nos seus perfis *on-line*. O entrevistado era Nonix, com 24 anos na época, morador de Sobradinho, no Distrito Federal. Estudava Letras em uma faculdade particular de Brasília e era estagiário de um ministério. Quando perguntado sobre a razão pela qual publicara fotografias em seu perfil *on-line* nas quais apareciam somente seu abdome e seu peito, sem camisa, ele respondeu:

Nonix: É, porque o que importa ali é isso. [...]

Pesquisador: E tu já teve alguma outra foto do teu perfil diferente dessas?

Nonix: As fotos são antigas, estão lá desde o carnaval, já tão batidas. O próprio Manhunt sugere pra fazer isso: “mude as fotos”. O pessoal não lê *nick* [apelido], o pessoal não lê texto. O pessoal vê foto. Então se aquela foto tá lá há muito tempo, cansou. Mude as fotos e você recebe mais mensagens, recebe mais atenção. Inclusive, um cara que eu ficava, ele mandou já mensagem pra mim três vezes e eu respondi “mas a gente já se conhece”. Ele “sério? De onde?”. Eu “pega esse meu telefone e liga”, ele “ah, verdade”. Então tem isso, a mesma pessoa com quem cê já ficou, já te conhece e tá mandando mensagem de novo. [...] Quando eu não era tão maior... Se bem que naquelas fotos ali eu tinha tomado um pouco de anabolizante. Aquelas fotos são todas do banheiro do hotel. E aí quando eu cheguei em Brasília eu recebi muita mensagem. Agora eu já não recebo mais tanta porque tá um pouco velho, mas se eu botar outra acho que já vai aumentar de novo.

Nesse trecho há a sugestão de que as imagens publicadas nos perfis valem mais que os textos escritos. O entrevistado reitera “o pessoal não lê texto. O pessoal vê foto”, reforçando o caráter de sociabilidade que marca a exposição do corpo no *site* – isto é, muitos-se-exibem-para-muitos. Mas “o pessoal” não vê qualquer imagem: precisam ser imagens do corpo, e de determinadas partes do corpo. Esse corpo feito em imagem não

⁶ Entrevista realizada no dia 5 de novembro de 2011.

pode ser um qualquer: precisa *ser e mostrar ser* um *corpo-que-importa* – “quanto mais corpo aparece, peito e abdome, aí chama mais atenção”, diz Nonix. Um *corpo-que-importa* é um corpo que encarna as regulações do “mercado das aparências”, como referem Sibilia (2009) e Carmem Soares (2009). Além disso, essas imagens precisam ser atualizadas: devem ser fotografias do *corpo-que-importa* no presente, no tempo de agora, e jamais fotografias antigas ou “batidas”, como o entrevistado sugere. Nonix diz que o próprio *site* Manhunt estimula e incita os usuários a trocarem sempre que possível as imagens publicadas em seus perfis. Nonix relata brevemente um episódio de quando enviou fotografias suas para outro usuário, que ele já havia encontrado pessoalmente outrora, mas não foi reconhecido por ele – supostamente porque havia atualizado as imagens de seu corpo publicadas em seu perfil *on-line*. De qualquer forma, Nonix narra a função estratégica das imagens publicadas nos perfis, qual seja, a de aumentar as possibilidades de comunicação entre os indivíduos, possibilidades de criação de vínculos que aumentam proporcionalmente com a publicação de imagens – atualizadas – dos corpos – *que-importam*. E mais: para Nonix, um de nossos “Dorian Gays”, a palavra está em déficit em relação à imagem.

Entre os 304 perfis analisados, 195 não exibiam publicamente o rosto nas fotografias de seus corpos publicadas em seus perfis *on-line*. Era comum que os usuários do Manhunt publicassem em seus perfis fotografias nas quais seus rostos estivessem cortados por enquadramento ou programas de edição. Em contraposição, a nudez do corpo era reiterada: pênis e nádegas, peitorais e bíceps eram publicados em quase todos os 195 perfis em que os rostos não apareciam. Esta é outra diferenciação do Manhunt em relação ao Facebook, por exemplo: neste, o rosto pode compor as imagens dos perfis *on-line* (SÁ e POLIVANOV, 2012), ao passo que naquele outras partes dos corpos são preconizadas para a publicação. É provável que essa singularidade se deva muito ao fato de o Manhunt ser uma dentre as várias redes sociais/sexuais disponíveis na internet, nas quais os/as usuários/as geralmente preferem exibir as *partes que importam* para chamar a atenção dos/das demais. Entretanto, acredita-se que outra razão também pese para o desaparecimento do rosto: o fato

de serem *homens gays*, podendo estar submetidos ao reconhecimento de outros e, eventualmente, à discriminação e à violência por escaparem da norma heterossexual (BUTLER, 2012; SEDGWICK, 2007). Lembremos, com Débora Diniz (2014), que, na discriminação e na violência perpetrada contra pessoas não heterossexuais, a imagem funciona também como prova.

Mesmo que as fotografias dos usuários geralmente mostrassem *corpos sem cabeça*, havia disputas em torno da significação corpo-imagem-palavra. Um usuário escreveu: “só tem peito aqui nas minhas fotos, mas se você reparar bem, atrás dele tem um coração, tá?”, trecho em que o usuário aludia à parte de seu corpo publicada nas suas imagens (seu peito), mas sugeria haver algo além das imagens publicadas, algo que não poderia ser apreendido pelas imagens, algo que não era passível de exibição através de imagens (seu coração). Outro usuário escreveu: “Quer que eu diga + que as fotos?”, lançando uma pergunta sobre aquilo que vai além das imagens publicadas em seu perfil, passando, então, a compor um texto escrito sobre as especificações de traços de sua personalidade e formas como gostava de praticar sexo – o que indica uma relação de complementaridade entre texto e imagem. Mais um usuário do Manhunt publicou: “SEM FOTO, SEM CHANCE!!! SEM FOTO, SEM CHANCE!!! SEM FOTO, SEM CHANCE!!!”, três vezes e em letras maiúsculas, em tom de exclamação, atestando a importância fundamental das imagens para a sociabilidade com outros homens.

A imbricação corpo-imagem-palavra nos perfis *on-line* do Manhunt é potente e caracteriza de modo fulcral o modo como se dá a sociabilidade entre os usuários. Nessa disputa, o corpo-palavra parece perder frente à pujança do corpo-imagem, como se o texto não fosse suficiente frente à fotografia, como se a fotografia tivesse mais força que o texto. Como sugeriu Foucault (1999, p. 12), “por mais que se diga o que se vê, o que se vê jamais se aloja no que se diz”. Texto e imagem são irredutíveis um ao outro, sobretudo porque descrever um corpo é, hoje, radicalmente diferente de mostrar um corpo. Não se trata, contudo, de defender qual é mais “real”, se a descrição (palavra) ou a exibição (imagem) do corpo. “Mais importante que a novidade tecnológica”, escreve Rogério Luz, “é o dispositivo

de forças de que historicamente emergem relações entre figura e conceito, imagem e palavra, afeto e razão” (LUZ, 1993, p. 54). Desse modo, as correlações estabelecidas entre fotografias dos corpos dos usuários do Manhunt e textos escritos sobre seus corpos constituem duas frentes atuantes de um mesmo modo de produção de subjetividade, aquele que depende do “ocularcentrismo” das sociedades pós-disciplinares ocidentais (ROSE, 2007), no qual o poder visual expressa o prazer visual (MIRZOEFF, 2003). Os “Dorian Gays” cultuam a imagem dos seus corpos em *pixels*, e tal culto é marca do nosso tempo, diz de nós e do nosso momento.

A imagem do corpo e o corpo feito de imagens fazem parte de uma “nova moralização das práticas corporais”, que visam “vencer no mercado das aparências; obter sucesso, beleza, autoestima, ou eficiência; efetuar uma boa *performance* física e, sobretudo, visual” (SIBILIA, 2009, p. 34). Vencer nesse mercado das aparências significa, também, não ir muito além das aparências: o próprio Wilde (2012, p. 6) adverte: “Aqueles que vão além da superfície assumem um risco ao fazê-lo”. Entre as várias formas de moralização do corpo na sociabilidade entre homens *gays* do *site* Manhunt está a clausura do corpo em um tempo sempre atual, presentificado, que supostamente o liga à sua “verdade”. No contexto deste *site* de relacionamento, o corpo “verdadeiro” é aquele do tempo presente, e isso só é possível quando a “verdade” não é apenas *dita*, mas, sobretudo, *mostrada* por meio de imagens.

Outro usuário do *site* traz outra dimensão, embora semelhante à de Nonix, acerca das funções das imagens nos perfis. Ele é MadeInBrazil, profissional autônomo, morador da zona sul de São Paulo, com 36 anos na época. Durante a entrevista, falou sobre os critérios que usava para selecionar suas fotografias e publicá-las em seu perfil *on-line*:

MadeInBrazil: Coloquei minhas fotos atuais, de um ano atrás, da última viagem que eu fiz. De um ano atrás. Como eu não tô saindo muito, não tenho recentes [...]. Então, tento ser o mais verdadeiro possível. [...] Mesmo assim ainda vou lá e digo: quando eu vou mandar uma mensagem privada pra pessoa eu falo “olha, essas fotos são de mais ou menos um ano”, porque tá misturado, tem umas de mais ou menos um ano e outras que não têm, tem umas de sunga, falo “ó, tem fotos de 8, 10 meses, cê engorda

6 quilos, parei de malhar”, eu explico. Falo “ó, sou baixinho, tenho 1,64 metros, não tenho 61 quilos, tenho 66 – 67 agora – estou ficando calvo, tô com barriguinha. Minha bunda tá do tamanho do Brasil”.

Pesquisador: Tu explica?

MadeInBrazil: Explico.

Pesquisador: Por que tu explica?

MadeInBrazil: Porque eu sou verdadeiro. Não vou vestir personagens.

Enquanto Nonix estabelece uma relação entre a publicação de determinadas imagens do seu corpo com a maior possibilidade de criar vínculos e manter comunicação com outros homens dentro do Manhunt, MadeInBrazil menciona outra função de suas fotografias: a relação com a “verdade” de seu corpo. Tanto Nonix quanto MadeInBrazil aludem à necessidade de atualização constante das imagens publicadas em seus perfis, imagens que serviriam para capturar o corpo em seu hoje e agora. Para MadeInBrazil, os quilos a mais, os cabelos a menos, a baixa estatura, tudo isso precisa ser *confessado*, como se seu corpo fosse eventualmente confrontado com as imagens publicadas em seu perfil. A demanda por imagens atualizadas, ou seja, por imagens dos corpos que correspondam àquilo que o corpo é hoje e agora, de certo modo é uma demanda pela “verdade” do corpo: *a “verdade” do corpo é aquilo que o corpo é no tempo presente*.

Assim, a demanda por imagens atualizadas a serem publicadas nos perfis *on-line* constrói um laço que liga a “verdade” do corpo à sua identidade no tempo presente: é preciso que o corpo seja idêntico a si mesmo nas imagens publicadas, hoje e agora, e tal identidade supostamente atestaria sua “verdade”. Fotografias de oito, dez meses, um ou três anos atrás são consideradas imagens desatualizadas do corpo, portanto “falsas”, imagens “mentirosas”, pois não correspondem à “verdade” atual da identidade do corpo de hoje e agora. O corpo é, assim, encurralado em uma temporalidade estreita, de um tempo presente constante. O corpo é enclausurado por um “totalitarismo fotogênico”, em que se exorta “que tudo no corpo seja preparado para ser visto, exposto, colocado em pose: até mesmo o que é considerado avesso a toda pose e a toda exposição começa a ser coagido a aparecer” (SANT’ANNA, 2005, p. 107).

Superexibido e cultuado na pureza de seus *pixels*, submetido a um “totalitarismo fotogênico”, em que toda parte do corpo é chamada a aparecer através de imagens sempre atuais para legitimar sua “verdade”, o corpo-imagem é igualmente dissociado de si próprio. O princípio do “*totalitarismo fotogênico sempre atualizado*” desarticula o corpo de si mesmo como efeito da exigência da “verdade” sempre atualizada do corpo capturado por imagens. Pois se o corpo “verdadeiro” é apenas aquele atualizado por meio de registros fotográficos – corpo “verdadeiro” porque ligado à sua “verdade” pela identidade atualizada entre corpo e imagem –, isso implica que o corpo de ontem é “falso” ou não mais “verdadeiro”; o corpo de ontem não é mais idêntico ao corpo de hoje. O corpo de ontem é outro corpo, diferente do corpo de hoje, a ponto de um usuário do *site* não reconhecer Nonix quando este atualizou suas fotografias em seu perfil. É assim que se faz uma das modalidades de exibição dos corpos no Manhunt: *corpos atuais*, sempre submetidos à atualização constante, fazendo do corpo “o ponto de ancoragem, a testemunha que permite constatar, registrar e medir com objetividade desencantada, sinistra ou indiferente, as mudanças, as transformações e as tensões induzidas pela reflexividade social” (MICHAUD, 2008, p. 564).

Em outras palavras: dada a exigência pela atualização de imagens do corpo, que supostamente o ligam à sua “verdade”, pode-se admitir que o corpo não é uno, nem coerente, nem unificado, tampouco idêntico a si mesmo ao longo do tempo. O corpo muda mais do que pensamos, e certamente muito mais do que queremos, e provavelmente muito mais rápido do que gostaríamos. É precisamente porque se sabe que o corpo está em fluxo contínuo que advém a exigência de atualizações constantes das imagens do corpo. O corpo, concebido como em constante mutação, é aquele que era um ontem e que é diferente hoje de forma tão radical a ponto de o corpo de ontem ser o corpo “falso” e o corpo de hoje ser o “verdadeiro” – ou, ainda: *o corpo do passado é o anticorpo do corpo do presente, e o corpo do presente é o corpo-que-importa*.

Exigir imagens sempre atualizadas do corpo é também um modo de admitir a rapidez da transformação do corpo, como se o corpo de ontem

fosse sempre uma versão falsa do corpo de hoje. Exigir imagens sempre atualizadas do corpo presente é também negar que o corpo do passado é o mesmo de hoje. O corpo do passado é corpo irretratável e inexibível (e é por isso que se faz necessário dar explicações sobre essa desatualização, como o faz MadeInBrazil). O corpo do presente é diferente do corpo do passado, e sua “verdade” atualizada se faz em imagem – como em um retrato de Dorian Gray que fosse permanentemente pintado. Esta é a *imag-ética* (e a armadilha) dos “Dorian Gays” do nosso tempo: são obrigados a retratar continuamente seus corpos atuais sob pena de serem tachados de dissimulação.

Cessa aqui a identidade temporal do corpo, tendo sido inserida nele uma descontinuidade brutal em relação ao seu passado e ao seu presente. A identidade do corpo, que legitimaria sua “verdade”, passa a estar atrelada à determinação temporal do corpo no presente, estabelecendo um rompimento com o seu passado. A identidade e a “verdade” do corpo estão também enclausuradas no hoje e no agora do tempo presente, sendo o passado o guardião do corpo “falso”, do corpo não idêntico.

O corpo atualizado em imagens idênticas a si próprio é apenas uma das modalidades de *corpo-que-importa exibível*, e o corpo não idêntico a si próprio, desatualizado, é também apenas uma das formas de *anti-corpo irretratável* dentro da economia visual do Manhunt. Chamamos a atenção para a coação imposta aos corpos para se descolarem do seu passado através do registro fotográfico sempre atualizado do estado do corpo do presente. É possível que o corpo fique mais magro com o passar do tempo, ou mais bonito; é possível que com o passar do tempo o corpo engorde, que a calvície surja, como diz MadeInBrazil. Assim, a imagem sempre atualizada do corpo exige um trabalho sobre ele que é o de melhoramento constante, a fim de que, a cada registro fotográfico atualizado do corpo, supere esteticamente o anterior.

“Por isso, por esse milagre, eu daria tudo!”

Os dois trechos de entrevistas deixam claro que esse trabalho intermitente de *upgrade* do corpo é da ordem da estética, da forma, da redução de

gordura, da maximização dos músculos, da eficiência, da potência, da beleza, da sedução e, no limite, da juventude. O corpo de hoje é coagido a ser sempre mais belo e, paradoxalmente, mais jovem que o corpo de ontem. Muitos indivíduos, talvez a maioria deles, não conseguem acompanhar essa exigência de melhoramento e rejuvenescimento constante. Os dois participantes da pesquisa entrevistados sugerem isso: Nonix era “maior” no passado, porque tomou anabolizantes; MadeInBrazil era mais magro e tinha mais cabelo.

Essa formulação acerca dos modos de exibição e de significação das imagens dos corpos nos perfis *on-line* dos usuários do Manhunt também nos permite tocar na delicada temática do envelhecimento para homens *gays*. Se os corpos a serem exibidos são sempre mais “verdadeiros” quanto mais atuais, como um corpo que é coagido a ser sempre mais belo e jovem hoje do que foi ontem administrará a passagem do tempo, posto que hoje ele será sempre mais velho do que ontem? Pois, se muito velho, esse corpo será expulso para as *bordas do visível* na economia visual das imagens do Manhunt: limites rígidos de idade constroem as possibilidades para a criação de relações entre os usuários do *site* e também podem constrear as possibilidades de exibição dos corpos mostráveis, exibíveis e visíveis. Entre os 304 perfis *on-line* arquivados, apenas 1 deles mostrava um homem seminu com mais de cinquenta anos (e, ainda assim, *sem cabeça*). Abaixo seguem alguns trechos de perfis *on-line* que indicam a relevância geracional para os vínculos talvez criados dentro do Manhunt:

Quero um amigo [...] que seja jovem e que curta um mulato quarentão.
[...] Ah! Sou eu mesmo na foto, e é recente.

Sou [...] um quarentão usado e em bom estado.

Gente... falando de cara... não é querer ser chato... mas não curto afeminados, negros, velhos (ACIMA DE 30) e gordos... [...] SÓ PRA DEIXAR BEM CLARO: acima de 30 NUNCA; entre 25 e 30 TALVEZ; menos que 25 muito bom, menos que 20 A PERFEIÇÃO. ENTÃO NÃO INSISTA.

Procuo apenas garotos/rapazes [...] de 18 a 30 anos [...]

Limitações (porque sem elas vira bagunça): Não curto caras com idade acima de 30 anos, pessoas de pele negra, afeminados ou aqueles que querem ser mulher, gordos ou quem está acima do peso, pessoas com pelos ou “ursinhos” e drogados de forma geral. [...] Tudo uma questão de tesão, que não tenho por estas pessoas.

Esse último trecho de perfil mostra a função de ordenança que as mais diversas limitações desempenham nos modos de exibir e mostrar os corpos no Manhunt – e que, na sua radicalidade, se constituem em práticas de exclusão: o corpo marcado pela passagem do tempo, junto com outros que exibem marcas distintas (de raça/etnia, de feminilidade, de peso, de distribuição de pelos), é aqui trazido em uma proximidade perigosa na circunscrição excludente daqueles corpos *que não valem, que não importam, que não contam como exibíveis*. E, segundo diz este trecho, a distribuição das limitações se dá mediante parâmetros de “tesão”, de desejo sexual e prazer corpóreo. Em nome do desejo e do prazer, podemos sugerir que há tentativas de expulsão dos corpos envelhecidos do regime de visualidade dos perfis *on-line* dentro do *site*: a distribuição de limitações também é uma distribuição de *modos de não olhar* para esses corpos. É assim que os *anticorpos velhos*, por exemplo, permanecerão na *borda do visível*, posicionados como aqueles não desejados, não procurados, não olhados – mas ainda assim necessários como corpos exemplares daquilo que não é desejado, daquilo que não é procurado, daquilo que não se quer ver.

A demanda por imagens atualizadas do corpo procura congelar o corpo em seu presente instantâneo. É uma tentativa de apreendê-lo em seu hoje, descolando-o de seu passado. Por outro lado, a demanda por juventude guarda em si mesma sua ruína. Pois o corpo do passado, retratado por meio de imagens, é também sempre mais jovem que o corpo do presente – é isso que aprendemos com Dorian Gray. O corpo do presente está submetido à passagem de tempo, que caminha sempre em direção ao envelhecimento do corpo. *O corpo de hoje será sempre mais velho que o corpo de ontem*. Parece tola a exigência de imagens atualizadas do corpo de hoje, e estranha a restrição geracional para a exibição de imagens

corpóreas entre os usuários do Manhunt: a suposta inexorabilidade da passagem do tempo corrói e faz erodir qualquer congelamento do corpo através de imagens. Um dos usuários do *site* escreve em seu perfil: “Conduz-te sempre com a mesma prudência como se fosse observado por dez olhos e apontado por dez dedos, pois com a idade que tenho e já bem vivido não me troco por três de 25”.

Nota-se, portanto, que o controle-estimulação funciona também no estímulo à invisibilidade de determinados corpos (por exemplo, os corpos envelhecidos). Assim, a fórmula do pan-óptico do tempo presente pode não ser o de muitos-veem-muitos. A fórmula atual pode bem ser a inversão do pan-óptico disciplinar: muitos-veem-poucos, isto é, o corpo estimulado a se exibir é sempre um único, o mesmo (jovem, branco, magro, musculoso, másculo), e muitos são os espectadores dessa exibição – espectadores estes que geralmente não gozam do mesmo direito de se mostrar.

Final – ou “Somente as pessoas rasas não julgam pelas aparências”

Quase ao término da entrevista realizada com Nonix, que durou cerca de duas horas, ele disse o seguinte:

Pesquisador: Como é que tu lida com o envelhecimento?

Nonix: Eu não gosto. Eu odeio aniversário. Eu digo que quero morrer no máximo com 40 anos, eu não quero envelhecer.

Pesquisador: Por causa dessa decadência do corpo?

Nonix: Por causa das limitações que a velhice traz. [...] Eu já conheci outros *gays* que falam “50 anos é o meu limite, mais que isso não quero viver”.

Pesquisador: Mas e aí, como é que faz? Se passar a linha dos 40? E dos 50?

Nonix: É o que eu costumo falar: eu espero tá voltando de avião de uma viagem e ele caia no mar, onde não possa encontrar o corpo.

Na entrevista com Xato e Donald, que durou cerca de três horas, o momento de falar do envelhecimento foi tão delicado quanto o foi para Nonix, como mostra o trecho abaixo:

Donald: Então, essa parte do corpo pra mim é recente, entendeu? [...] De sair, de tirar a camisa, de pegar quem eu quero pegar, entendeu, eu tô nessa fase, de conhecer alguém legal... [rindo] Mas eu sei que isso uma hora vai acabar, entendeu? Porque a idade...

Pesquisador: E é a idade que vai colocar um ponto final nisso?

Donald: A idade vai por um fim no próprio corpo. Pra mim é. [...] Meu foco hoje em dia é a academia, é o meu corpo, é pegação, é conhecer... Hoje, entendeu? Quando eu tiver, sei lá, 45, 50 anos, talvez meu foco, acredito, talvez vai ser estudar mais, ler livro, entendeu? Porque a parte cultural pra mim pesada, que você vive hoje, essa parte eu pretendo utilizar lá no futuro. [...] Então eu tô vivendo o corpo. Então, quando eu tiver lá pelos 40 e muitos, vai ser mesmo a parte intelectual. Eu acho péssimo envelhecer. Eu vou morrer cedo pra não envelhecer, eu sempre falo isso. [...] Eu não quero ter a cabeça que eu tenho hoje com 49 anos.

Partindo desses trechos, tentam-se dar pistas para possíveis respostas à pergunta lançada no início do texto, acerca do contexto atual no qual se pode pensar em continuidades e descontinuidades do desejo de Dorian Gray, no romance de Oscar Wilde, sobre corpo, imagem e subjetividade entre os “Dorian Gays” brasileiros de hoje.

Podem-se destacar a moral da aparência e o pavor da velhice como marcas atualizadas do personagem da ficção literária em relação aos usuários do *site* de relacionamento. O espectro da finitude física, com todos os efeitos estéticos que acarreta, gera asco entre os homens *gays* participantes da pesquisa. As marcas do tempo que inexoravelmente se insinuam na carne são recusadas, menos pela alegria de viver o presente e mais pelo medo do futuro. O desejo de que um outro corpo e uma outra imagem de corpo envelheçam no lugar do que se tem é algo comum entre Dorian Gray e os “Dorian Gays”.

Contudo, as continuidades cessam aí. Em primeiro lugar, porque o horror ao envelhecimento do corpo, em Dorian Gray, não fazia parte de uma cultura na qual os corpos fossem a superfície em que atuassem relações de poder que exortassem e estimulassem a exibição física e a exteriorização subjetiva como modos de controle. É somente no bojo da cultura somática (COSTA, 2005; ORTEGA, 2005) que se pode postular que a aparência corporal coincide com o (des)valor ético-político que cada

indivíduo goza em sociedade. Em segundo lugar, é preciso considerar o papel fundamental que as tecnologias digitais desempenham como expressão de relações sociais singulares nos dias de hoje. Desejar que um retrato pintado envelheça no lugar do nosso corpo físico é bastante diferente de fotografar dia após dia o nosso corpo por meio de *smartphones* e câmeras digitais. É possível dizer que o pintor de outrora poderia retocar a imagem da tela com pinceladas bondosas da mesma forma com que hoje retocamos imagens em *softwares* de edição. Jamais se pode supor, porém, que o corpo possa ser capturado por imagens tão cotidiana e reiteradamente, e que tal registro imagético sirva para ligá-lo à sua “verdade” sempre atualizada. Ao contrário do retrato de Dorian Gray, que envelhecia no lugar de seu corpo, hoje as fotografias dos corpos exibidas nos *sites* de relacionamento permanecem jovens, como testemunhas do viço perdido a cada segundo. As imagens de ontem são prova de que o corpo de hoje é mais velho.

Sobretudo, hoje o pavor do corpo velho é uma peça dentro de uma maquinaria de produção de subjetividades que execra não só a velhice, mas também a gordura, a feminilidade, a negritude. Supõe-se que os corpos representados em imagens no Manhunt sejam a expressão mais capilar de um processo cultural e político que busca reafirmar e preservar a pureza jovem, masculina, magra e branca, expulsando os demais corpos para as bordas da zona de visibilidade e de espetáculo visual. Donald sugere, em sua entrevista, que a intelectualidade não compartilha o mesmo significado dos prazeres físicos, como a “malhação” e a “pegação”. Isto é, o déficit da palavra em relação à imagem, que existe nos perfis *on-line*, também se expressa na valoração desigual entre corpo e mente, o que indica um atualizado *neocartesianismo*. A fantasia de morte e o desejo de desaparecimento do corpo, que aparecem nos dois trechos de entrevista, são os rastros mais sombrios da *est-ética* e da *imag-ética* que se procuraram esboçar aqui. Talvez seja precisamente a ética como prática refletida de liberdade (FOUCAULT, 2006b) que nos conduza às novas formas de luta contra todas essas modalidades de sujeição.

Referências

- ANTOUN, H. Vigilância, comunicação e subjetividade na cibercultura. In: BRUNO, F.; KANASHIRO, M.; FIRMINO, R. (Orgs.). *Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 141-154.
- BARBOSA, A. F. (Coordenação executiva). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2012*. [Livro eletrônico]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet, 2013. Disponível em: <<http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/tic-domicilios-e-empresas-2012.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.
- BUTLER, J. *Cuerpos que importán* – sobre los limites discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2012.
- COSTA, J. F. *O vestígio e a aura* – corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- DELEUZE, G. What is a dispositif? In: *Two regimes of madness* – Texts and interviews 1975-1995. New York: Semiotext(e), 2007. p. 343-342.
- _____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DINIZ, D. O escândalo da homofobia – imagens de vítimas e sobreviventes. *Revista ECO-PÓS*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2014.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2006a.
- _____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: *Ditos e Escritos V – Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. p. 264-287.
- _____. *As palavras e as coisas* – uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GUATTARI, F. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, A. (Org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1993 (2008). p. 177-194.
- LEMOES, A. *Cibercultura* – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- LUZ, R. Novas imagens: efeitos e modelos. In: PARENTE, A. (Org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1993 (2008). p. 49-55.
- MAFFESOLI, M. *O mistério da conjunção* – Ensaio sobre comunicação, corpo e sociabilidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MICHAUD, Y. Visualizações – o corpo e as artes visuais. In: CORBIN, A.; COUTRINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). *História do corpo 3: as mutações do olhar*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 541-566.
- MIRZOEFF, N. *Una introducción a la cultura visual*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- MISKOLCI, R. Networks of desire: The specter of aids and the use of digital media in the quest for secret same-sex relations in São Paulo. In: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 10, n. 1, Brasília, ABA, 2013.
- NEGRI, A. Infinitude da comunicação/Finitude do desejo. In: PARENTE, A. (Org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1993. p. 173-176.

- ORTEGA, F. Da ascese à bio-ascese – ou do corpo submetido à submissão do corpo. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. L.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 139-173.
- PARENTE, A. Introdução – Os paradoxos da imagem-máquina. In: PARENTE, A. (Org.). *Imagem-Máquina – A era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1993. p. 7-36.
- _____. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: PARENTE, A. (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 91-110.
- RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Meridional, 2009.
- ROSE, G. *Visual methodologies*. London: Sage, 2007.
- SÁ, S. P.; POLIVANOV, B. B. Presentificação, vínculo e delegação nos sites das redes sociais. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, ano 9, v. 9, n. 26, 2012. p. 13-36.
- SANT'ANNA, D. *Corpos de passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. L.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 99-110.
- SEDGWICK, E. Epistemologia do armário. In: *Cadernos Pagu*, v. 1, n. 28. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 19-54.
- SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico – Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela pureza digital. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009. p. 33-42.
- _____. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, ano 9, v. 9, n. 26, 2012. p. 83-114.
- SOARES, C. L. A educação do corpo e o trabalho com as aparências: o predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE JR., D.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 69-82.
- WILDE, O. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2012.
- WOLTON, D. Pensar a internet. In: MARTINS, F.; SILVA, J. (Orgs.). *A genealogia do virtual – Comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 149-156.